

O CONTEÚDO DA FALA DO *JORNAL NACIONAL* À LUZ DA SEMIÓTICA DISCURSIVA

Conrado Moreira Mendes*
USP/FAPESP

Resumo: O presente artigo apresenta alguns resultados de análises que tomaram como escopo teórico-metodológico a semiótica discursiva de A. J. Greimas. O corpus estudado compreende duas matérias exibidas pelo *Jornal Nacional* (JN), principal telejornal brasileiro. As matérias são avaliadas principalmente quanto ao nível discursivo previsto pelo percurso gerativo de sentido, especificamente a semântica discursiva, pela análise de temas e figuras. Além disso, também desse nível, analisa-se a aspectualização, principalmente em relação ao tempo, ou seja, o andamento do conteúdo do texto. Com relação às análises dos temas e figuras, pode-se dizer que o discurso do *Jornal Nacional* é mais figurativo que temático, isto é, ao passar para o nível discursivo, categorias do nível narrativo são necessariamente tematizadas e frequentemente figurativizadas criando um simulacro de mundo natural. Quanto ao andamento, os textos analisados se estruturam de duas maneiras: a primeira delas é um andamento acelerado inicial que decresce no decorrer do texto. A segunda forma de estruturação textual em termos de andamento é uma oscilação entre aceleração e desaceleração. Por fim, ao estabelecer os traços sêmicos que subjazem aos temas e figuras, conclui-se que *JN* atua como Destinatador-manipulador que determina os valores do Destinatário-sujeito, figurativizado pelo telespectador.

Palavras-chave: Semiótica Discursiva; Discurso Telejornalístico; Conteúdo.

Abstract: This article presents some results of analysis that took as scope the discursive semiotics of A. J. Greimas. The *corpus* includes two texts studied displayed by *Jornal Nacional* (JN), the most important Brazilian TV newscast. The texts are evaluated primarily on the discursive level provided by a meaning generative process, specifically the discourse semantics, from the analysis of themes and figures. In addition, in this level we analyze also the aspectualization, especially in relation to time, or the progress of the text. Regarding the analysis of the themes and figures, we can say that the discourse of *JN* is more figurative than thematic, that is, categories of the narrative level are necessarily themed and often figurativized, creating a simulacrum of the natural world. Regarding to the aspect of the time, the analyzed texts are structured in two ways: the first is a rapid initial progress that decreases in the text. The second form of text structure in terms of progress is an oscillation between acceleration and deceleration. Finally, to establish the semic features that underlie the themes and figures, it appears that *JN* acts as Sender-handler that determines the values of the recipient-subject, figurativized the viewer.

Keywords: Discursive Semiotics; TV Newscast; Content.

Introdução

* Pós-graduando do Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral da Universidade de São Paulo. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Endereço profissional: Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Av. Prof. Luciano Gualberto, 403, Cidade Universitária 05508-900 – São Paulo, SP – Brasil. E-mail: conradomendes@yahoo.com.br.

No presente texto, aportamos alguns resultados de nossa pesquisa de mestrado (MENDES, 2009) ¹, que visou tanto a analisar como se constroem os sentidos dos textos veiculados no *Jornal Nacional*², quanto a observar a relação entre conteúdo e expressão da fala. Aqui, restringiremo-nos ao primeiro objetivo. O recorte da pesquisa foi de uma semana de exibição do noticiário, totalizando 17 matérias/reportagens. As matérias foram selecionadas obedecendo como critério estabelecido pela pesquisa a definição da localidade onde se desenrolaram os fatos apresentados. Assim, as matérias jornalísticas foram classificadas como nacionais, internacionais e locais. Neste artigo, limitamo-nos ao exame de duas matérias.

Os textos são analisados principalmente quanto ao nível discursivo previsto pelo percurso gerativo de sentido, especificamente a semântica discursiva, pela análise de temas e figuras. Além disso, analisamos a aspectualização, principalmente em relação ao tempo, ou seja, o andamento do conteúdo do texto, o que confere às análises uma perspectiva por vezes tensiva. Buscamos, dessa maneira, padrões, estruturas invariantes sobre as quais se constroi o discurso telejornalístico. Introduzimos este texto com uma breve revisão da teoria greimasiana para, em seguida, apresentar as análises e os resultados.

1. A Semiótica Discursiva

A semiótica discursiva, greimasiana, de linha francesa ou ainda a chamada Escola de Paris foi estabelecida pelo lituano radicado na França A. J. Greimas. De filiação Saussure-hjelmsleviana sua teoria é eminentemente ancorada numa teoria da linguagem, de postulados estruturais, e na concepção de que a língua é uma instituição social. Na esteira de Greimas, Bertrand afirma que “O objeto da semiótica é o sentido” (2003, p. 11), apreensível pelo resultado da função semiótica da linguagem, ou seja, a reunião dos planos da expressão e do conteúdo. O que diferencia tal disciplina de outras, como a história ou antropologia, que também podem ter o sentido como objeto é “o parecer do sentido” (BERTRAND, 2003:11). Tal parecer se apreende por meio da linguagem verbal, não-verbal (visual, plástica, gestual, musical etc) ou sincrética, como, por exemplo, o cinema, que agrupa algumas dessas linguagens.

¹ MENDES, C. M. *A expressão e o conteúdo da fala do Jornal Nacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009. Sob orientação da Professora Doutora Ana Cristina Fricke Matte.

² Telejornal brasileiro exibido diariamente pela Rede Globo de Televisão.

A semiótica, para se constituir, foi influenciada por três áreas do conhecimento: a linguística, a antropologia e a filosofia. Para escrever a obra fundadora da semiótica, *Semântica Estrutural* (1966), Greimas teve como alicerce os trabalhos de Saussure e Hjelmslev. A antropologia cultural, pelos trabalhos de Lévi-Strauss e Marcel Mauss, também influenciaram disciplina. A conexão entre as duas disciplinas está no estudo daquilo que rege e permeia o discurso: a cultura, ou seja, como ela dá forma ao imaginário humano. A última influência é um ramo da filosofia chamado fenomenologia. Esta se preocupa com o parecer de um objeto empírico, ontológico, enquanto, para a semiótica, o parecer é construído no e pelo discurso, quer dizer, não existe a preocupação com uma correspondência entre mundo real e signo linguístico.

Segundo Fiorin (1999), o projeto greimasiano foi de criar uma teoria gerativa, sintagmática e geral. Sintagmática porque se preocupa não apenas com o conteúdo, mas com o texto (expressão + conteúdo); é geral porque se interessa por qualquer tipo de texto (veiculado em qualquer materialidade); e é gerativa porque concebe o processo de produção de sentido de um texto como um percurso gerativo que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto: “Constitui ele um simulacro metodológico, para explicar o processo de entendimento, em que o leitor precisa fazer abstrações, a partir da superfície do texto, para poder entendê-lo” (FIORIN, 1999). Tal percurso leva em conta o trabalho do russo Vladimir Propp, que reuniu um inventário das variantes do *Conto Maravilhoso Russo*, que somavam 31 funções.

Para a semiótica, um texto pode ser fatiado em camadas, pelas quais se dá o percurso gerativo de sentido, que se estrutura do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto. Tem-se, assim, nesta ordem, o nível fundamental (ou profundo), o narrativo e o discursivo. Cada um desses níveis tem uma sintaxe e uma semântica próprias; a sintaxe seria o mecanismo que ordena os conteúdos, e estes estariam no domínio da semântica.

No nível fundamental, mais especificamente na semântica fundamental, a significação se apresenta por uma oposição, por meio de estruturas fundamentais que se opõem. Para Barros (2003), os termos dessa oposição são determinados pelas relações sensoriais do ser vivo com esses conteúdos, que podem ter um valor positivo (eufórico) ou negativo (disfórico). Tais termos são negados e afirmados por meio de operações de sintaxe elementar e podem ser representados por meio de um modelo lógico de relações, chamado quadrado semiótico. A sintaxe fundamental se ocuparia de tais relações, que podem ser de contrariedade, contraditoriedade e implicação. No quadrado semiótico mostrado a seguir, os termos *a* vs *b* mantêm entre si uma relação de contrariedade, assim como ocorre com os

termos *não-a* vs *não-b*. Entre *a* e *não-a* e *b* e *não-b* existe uma relação de contradição ou contraditoriedade. Além disso, *não-a* mantém com *b*, assim como *não-b* com *a*, uma relação de implicação ou complementaridade:

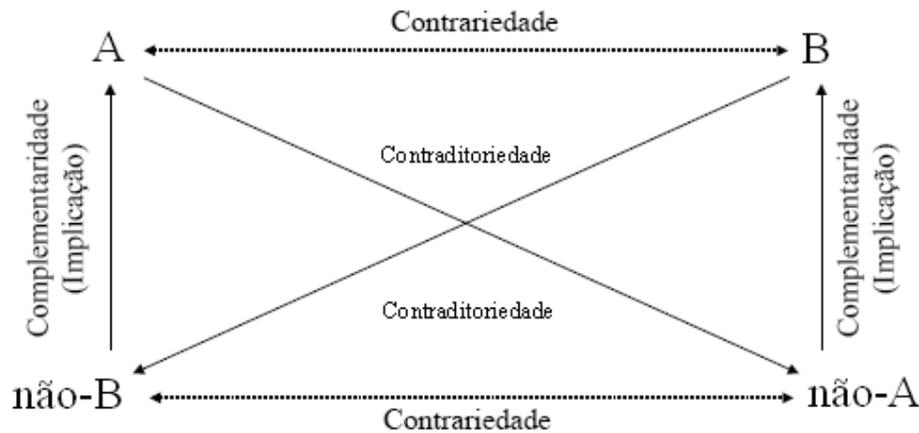


Figura 1: Relações no quadrado semiótico

Esses termos hipotéticos *a* e *b* podem ser representados por categorias semânticas fundamentais em oposição tais como *vida versus morte*, *liberdade versus dominação* etc. Salienta-se que a disforia ou euforia de uma categoria semântica não se dá de antemão, mas se constrói no e pelo texto. Assim, *morte* não é necessariamente uma categoria disfórica, nem *vida*, uma categoria eufórica *a priori*. Um suicida, para quem viver é insuportável, tem a morte como categoria semântica eufórica, por exemplo. Isso, porque, de acordo com Tatit,

(...) o ser vivo não se relaciona com (...) categorias semânticas sem nelas imprimir sua marca sensível. (...) de acordo com o contexto de exame, todo microuniverso semântico contém um índice *axiológico* (...), portador de valores considerados atraentes ou repulsivos (TATIT, 2006, p. 199).

No quadrado semiótico, um estado *A* não se converte a um estado *B*, sem antes passar pela negação do próprio estado *A*. Euforia e disforia são, de acordo com esse autor, articulações da categoria *foria*, que significa “força que leva adiante”. A categoria eufórica encontra-se em estado de relaxamento, ao passo que a disfórica em estado de tensão. Do mesmo modo, a categoria não-disfórica encontra-se num estado de distensão, enquanto a não-eufórica, em estado de retensão.

Os conteúdos do nível fundamental são concretizados em objetos, quando passam para o nível narrativo. Assim, neste nível, o sujeito se encontra em conjunção ou disjunção com

tais objetos. Se no nível fundamental houvesse a oposição vida *versus* morte, no nível narrativo, dir-se-ia que um sujeito está em disjunção ou em conjunção com o objeto vida. Uma narrativa compreende uma mudança de estado, que pode se realizar tanto de forma implícita ou explícita. Em outras palavras, uma narrativa para essa teoria é a mudança de estado de um sujeito em relação a um objeto.

No nível narrativo, especificamente na sintaxe narrativa, essas transformações obedecem a uma sequência canônica, chamada de esquema narrativo. Essa sequência é composta então de quatro programas, sendo que o seguinte sempre pressupõe o(s) anterior(es). Dessa forma, tem-se a manipulação, a competência, a *performance* e a sanção. A manipulação é quando um sujeito transmite a outro um querer ou um dever fazer. Para a semiótica, existem quatro tipos de manipulação: por tentação, por sedução, por provocação e por intimidação. No primeiro caso, um sujeito oferece um objeto de valor positivo a outro sujeito, caso esse aceite ser manipulado; no segundo, o sujeito cria uma imagem positiva do outro sujeito, e para que essa imagem seja mantida, ele aceita a manipulação. No terceiro tipo, um sujeito faz uma imagem negativa do outro sujeito, com o intuito de que este faça o que se pede para reverter tal imagem e, por fim, pela intimidação, oferece-se um objeto de valor negativo, caso não seja feito o que se pede. Na fase da competência, um sujeito atribui a outro um saber e um poder fazer a outro. Na terceira fase, a *performance*, ocorre a transformação principal da narrativa e, na última, a sanção, tem-se o reconhecimento de que a *performance* de fato ocorreu. Note-se ainda que há dois tipos de sanção: a pragmática e a cognitiva. No primeiro caso o sujeito é sancionado pragmaticamente, ou seja, recebe algum tipo de punição ou prêmio e, no segundo, existe o reconhecimento da *performance*, mas não há prêmios ou castigos de fato. Como aponta Fiorin (1999, s/n), “A sequência canônica não é uma fôrma onde se faz caber a narrativa”, ou seja, os textos ao serem analisados podem não conter uma transformação explícita, uma vez que o programa narrativo pode ser realizado até a fase da manipulação ou da competência, sem chegar à *performance* ou à sanção. No nível narrativo, há dois tipos de objetos buscados pelo sujeito: os objetos modais (o querer, o dever, o poder e o saber) e os objetos de valor. Salienta-se que os objetos modais são necessários para a obtenção dos objetos de valor.

Para Barros (2002), a semântica narrativa, por sua vez, é o lugar onde se realizam as atualizações dos valores. As categorias semânticas de base do nível fundamental, ao passarem ao nível narrativo, são convertidas em valores, mediante inscrição em um ou mais objetos em junção com o sujeito. Assim, tais categorias passam a ser valores narrativos e valores modais (saber, poder, querer, dever). As categorias modais ou modalidades determinam as relações

que ligam o sujeito ao objeto. As paixões, na semântica narrativa, são entendidas como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado. Segundo Greimas e Fontanille (1993, p. 21), as paixões aparecem no discurso criando efeitos de sentido muito particulares. Esses autores comparam tais efeitos a um cheiro que não se identifica facilmente. Para a semiótica, essa peculiaridade tem a ver com a organização discursiva das estruturas modais, principalmente no que se refere à modalização do estado do sujeito, ou seja, se quer, pode, deve ou sabe. Dessa forma, objeto desejado faz do sujeito um sujeito desejoso: “a modalização do estado incide sobre o objeto ou, mais particularmente, sobre o valor nele investido e que isso repercute na existência modal do sujeito”. (FIORIN, 2007, p. 04). Para a semiótica das paixões, há paixões simples, resultantes de uma única modalização do sujeito, e paixões complexas, que encadeiam vários percursos modais. Fiorin (2007) exemplifica a paixão da cobiça como uma paixão simples, que se define por um querer-ser, enquanto para Greimas (1983), a paixão da cólera teria um percurso complexo, pois pressuporia um estado de frustração, que seria seguido por um estado de descontentamento e que desembocaria num estado de agressividade. No último nível, o discursivo, é onde as estruturas se tornam mais concretas e complexas. Segundo Fiorin (1999, s/n),

O percurso gerativo é composto de níveis de invariância crescente, porque um patamar pode ser concretizado pelo patamar imediatamente superior de diferentes maneiras, isto é, o patamar superior é uma variável em relação ao imediatamente inferior, que é uma invariante.

Dessa maneira, aquele sujeito do nível narrativo, em disjunção com o objeto vida, poderia ser representado por *Estudante universitário foi morto por três tiros a queima-roupa na madrugada de ontem*. Nas estruturas discursivas, a concretização pode ocorrer tanto por tematização, por termos abstratos, ou por figuração, por termos concretos. Assim, encontram-se textos que são mais figurativos, como na literatura, e textos que são mais temáticos, como os científicos. Na semântica discursiva, o texto é composto por uma recorrência de traços que a semiótica chama de isotopia, ou seja, aquilo que possibilita um ou mais planos de leitura para o texto.

A sintaxe discursiva se organiza em torno das projeções da enunciação no enunciado para persuadir e manipular o enunciatário. Essas projeções abarcam a temporalização, a espacialização e a actorialização, isto é, pessoa, espaço e tempo em que se ancora o texto. Dessa forma o uso de uma pessoa no lugar de outra, de um tempo no lugar de outro ou de um

espaço no lugar de outro são estratégias que criam efeitos de sentido que visam à manipulação do enunciatário, como mostra Fiorin (2002):

Todos esses mecanismos produzem efeitos de sentido no discurso. Não é indiferente um narrador projetar-se no enunciado ou alhear-se dele; simular uma concomitância dos fatos narrados com o momento de enunciação ou apresentá-los como anteriores ou posteriores a ele; presentificar o pretérito; enunciar um *eu* sob a forma de um *ele*, *etc* (FIORIN, 2002, p. 54).

Por fim, ainda que brevemente, ressaltamos um recente desdobramento da teoria de Greimas, realizado por Fontanille e Zilberberg (2001), que ficou conhecido como *ponto de vista tensivo* da semiótica. Essa proposta surge como complementar ao modelo greimasiano, concebendo um lugar de destaque ao contínuo e ao sensível no escopo da teoria. Assim, se a significação é apreensível pela discretização, esta opera sobre um *continuum*, que, segundo Fiorin (2008), já constitui uma potencialidade de sentido. Levando em conta a continuidade, torna-se possível compreender determinados fenômenos linguísticos e textos, nos quais o contínuo e o gradual são tematizados. Na fase que se costuma chamar estruturalista da linguística e da semiótica, o sentido, que é um objeto dinâmico, transformava-se num modelo estático, como se viu com o quadrado semiótico. Esse modelo eliminaria de seu campo de estudo o caráter gradual do sentido. Assim, a semiótica tensiva procura analisar as figuras da ordem da instabilidade, do devir, da gradiência etc., objetos que não estavam no escopo da semiótica *standard*.

Pode-se dizer que a semiótica tensiva não se apega à ideia de estruturalismo, mas à noção de estrutura, que segundo Hjelmslev, é uma “entidade autônoma de dependências internas” (*apud* FIORIN, 2008, p. 01), o que significa que se mantém a ideia de que a significação nasce das relações, mas não há um compromisso com as oposições privativas. Além disso, assume-se que o contínuo e o descontínuo são modos pelos quais o sentido se apresenta e, finalmente, atribui-se um lugar ao andamento e à velocidade, que levam em conta o devir. Assim, para Zilberberg (2006), a estrutura formula, o devir orienta e o andamento dirige a duração do devir.

Segundo Fontanille, antes de qualquer categorização, uma grandeza para o sujeito do discurso se expressa em uma “presença sensível” (2007:75). Essa presença se efetua em termos de intensidade, da ordem do sensível, e de extensão (ou extensidade), da ordem do inteligível. Por exemplo, em relação aos elementos naturais, antes de se reconhecer a água, por exemplo, reconhece-se o fluido. Cada efeito de presença, para ser qualificado de fato como uma presença, associa, de um lado, uma extensidade (posições e quantidades) e, de outro uma intensidade (forças). Para a semiótica tensiva, a articulação entre intensidade e

extensidade é chamada de correlação: “A correlação será estabelecida a partir de uma certa qualidade e de uma certa quantidade da presença sensível antes mesmo que uma figura seja conhecida” (FONTANILLE, 2007:76). Tensividade é então o eixo semântico em que se articulam intensidade e extensidade. Tanto a intensidade como a extensão são eixos graduais, e no espaço compreendido entre eles se realiza a correlação. O eixo vertical é o da intensidade, ao passo que o horizontal, o da extensão, como se vê a seguir:

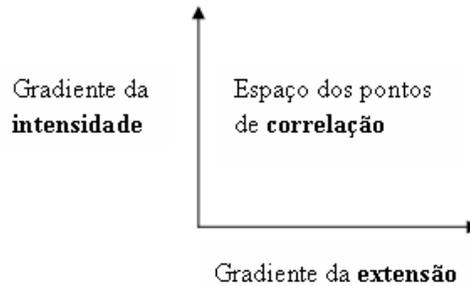


Figura 2: Gradiente da extensão no eixo x e gradiente da intensidade no eixo y

O eixo da intensidade caracteriza o domínio interno, que vai ser o plano de conteúdo; o eixo da extensidade caracteriza o domínio externo e se relaciona ao plano de expressão. A correlação resulta no efeito da presença do sensível. Considerando o espaço interno entre os dois eixos, todas as combinações entre intensidade e extensidade são possíveis. Existem dois tipos de correlação: a direta e a inversa. No caso da primeira, quanto maior a intensidade, maior será a extensidade e, no caso da inversa, quanto menor a intensidade, maior será a extensidade. Valores são, dessa forma, posições relativas dessas correlações, ou ainda, diferenças entre essas posições. As valências, por sua vez, são os dois eixos do espaço externo. A intensidade possui duas subdimensões: andamento e tonicidade. A extensidade, por sua vez, possui as subdimensões da temporalidade e da espacialidade. Salienta-se ainda que a intensidade regula a extensidade, de modo que o tempo e o espaço são controlados pela intensidade. O andamento rege a temporalidade (duração) e a tonicidade governa a espacialidade (profundidade), como se observa no esquema:

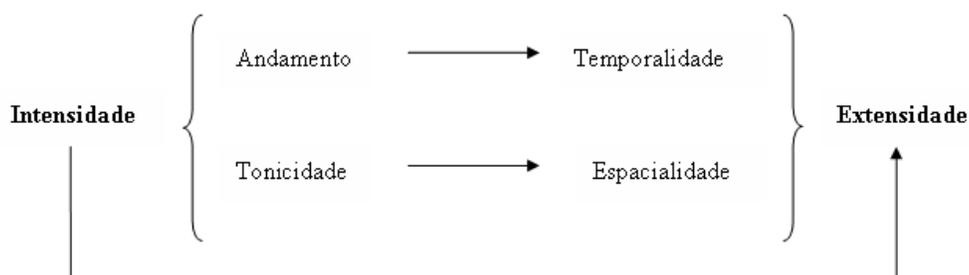


Figura 3: Subdivisões da intensidade *versus* subdivisões da extensidade

Assim, quanto maior a tonicidade, mais forte o andamento e quanto menor a tonicidade, mais lento o andamento. Da mesma forma, quanto maior a espacialidade, maior a temporalidade e quanto menor a espacialidade, menor será a temporalidade. O produto da tonicidade e do andamento é o impacto, ou valores do absoluto; o resultado da maior extensão temporal e espacial é a universalidade, ou valores do universo. A intensidade é então a dimensão que rege a extensidade, se dividem em andamento e tonicidade e espacialidade e temporalidade.

A seguir, serão realizadas as análises semióticas do plano do conteúdo dos textos das matérias do *Jornal Nacional*. Isso quer dizer que se pretende verificar o que é dito e como se faz para dizer o dito, ou seja, os efeitos de sentido construídos no e pelo texto. Como foi apontado na introdução deste artigo, o nível do percurso gerativo privilegiado para a análise é o discursivo. Serão apresentadas duas das 17 análises realizadas em Mendes (2009). A íntegra dos dois textos aqui analisados se encontra no anexo do artigo.

2. Análise 1:

A matéria da categoria nacional do dia 05 de maio trata do caso da investigação de um deputado envolvido num esquema de desvio de dinheiro. A primeira análise a ser feita é a dos temas, figuras e isotopias encontrados no texto.

Como já exposto, o nível discursivo, previsto pelo percurso gerativo de sentido, articula-se numa sintaxe e numa semântica discursivas. À primeira cabem as projeções da pessoa, do tempo e do espaço no enunciado. A semântica discursiva, por sua vez, tem por objeto as tematizações e as figurativizações. Segundo Greimas e Courtés “o percurso narrativo pode ser convertido, no momento da discursivização, quer em um percurso temático,

quer, numa etapa ulterior, num percurso figurativo” (2008, p. 435). Isso quer dizer que as relações de conjunção/disjunção do nível narrativo concretizam-se, ao passar ao discursivo, recobrando-se sob a forma de temas e, mais concretamente, sob a forma de figuras. Ressalta-se que no nível discursivo um tema pode não se recobrir em figura, mas sempre haverá nesse nível o tema, já que estes são elementos mais abstratos e as figuras são elementos que correspondem ao mundo natural. Para Fiorin (2006), no entanto, abstração e concretude não são termos que se opõem de maneira privativa, mas que repousam em um *continuum* que vai do mais abstrato ao mais concreto. Os textos figurativos constroem um simulacro da realidade, ao passo que, os textos temáticos tentam explicar essa realidade, estabelecendo para isso relações. Salienta-se que, quando se fala em textos figurativos ou temáticos, não se trata de categorizar cada texto como estritamente temático ou estritamente figurativo; significa dizer que esses textos são predominantemente figurativos ou predominantemente temáticos. Barros (2002) prefere chamar esses últimos de textos de figuração esparsa, uma vez que a autora considera que não há textos não-figurativos. Em relação às figuras, a autora, afirma ser esse o lugar do ideológico nos discursos, já que as figuras de um texto não estão ali por acaso, mas são, antes de mais nada, o resultado da escolha do enunciador. Temas e figuras se disseminam no texto criando percursos temáticos e figurativos. A recorrência desses percursos ou, em outras palavras de categorias sêmicas, é chamada por Greimas e Courtés (2008, p. 276) de isotopias. Tal termo advém do domínio da física, sendo aquilo que dá ao texto uma coerência semântica ou um plano de leitura.

Veja-se agora o trecho inicial da matéria nacional do dia 5 de maio:

A Justiça de São Paulo mandou para o Supremo Tribunal Federal o processo em que o nome do deputado federal Paulo Pereira da Silva, do PDT, aparece citado como beneficiário de um esquema de desvio de dinheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

Observa-se no trecho acima uma recorrência de figuras, pois encontram-se ali elementos que recriam por simulacro o mundo natural: *Justiça de São Paulo; Supremo Tribunal Federal; processo; deputado federal; Paulo Pereira da Silva; beneficiário; desvio de dinheiro; Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social*. O tema da corrupção e o tema da investigação são recobertos por tais figuras, formando, pois, dois percursos temáticos. O principal tema do primeiro percurso é o da corrupção. O outro percurso, o da investigação, fica mais evidente no próximo excerto:

Para o Ministério Público, há indícios da participação do deputado no esquema. Em entrevista, a procuradora que cuida do caso disse que os indícios vão além das escutas telefônicas. “O indício que seja ele são as ramificações das investigações e, na verdade, algumas vezes não foi só citado o nome Paulinho”.

Para uma melhor visualização de ambos os percursos temáticos, propõe-se uma disposição dos mesmos com elementos do texto na íntegra, que se encontra no anexo deste trabalho, assim como do segundo texto analisado.

Percurso temático da corrupção:

Temas: citação do nome do deputado em processo que o cita como beneficiário no esquema de corrupção → ausência do político na Câmara dos Deputados → Declaração de defesa do deputado pela Força Sindical

Percurso temático da investigação

Temas: indícios da participação do deputado no esquema → evidências da participação de 11 prefeituras → indícios do envolvimento de funcionários do BNDES → 11 pedidos de prisão → envio de cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal → abertura de processo contra do deputado condicionada ao parecer da Procuradoria Geral da República.

Observa-se que o percurso temático da corrupção dá origem ao segundo percurso, o da investigação. Ambos estão intimamente relacionados durante todo o texto, uma vez que o segundo depende do primeiro, quer dizer, não havendo suspeitas de corrupção não caberiam investigações. Observa-se ainda que no trecho “*Foram feitos 11 pedidos de prisão*” existe uma sanção pragmática, que é justamente o final do percurso temático da investigação. Houve um contrato que foi quebrado (pela corrupção) e a incriminação é a sanção cognitiva enquanto o pedido de prisão, a sanção pragmática.

Nota-se que o tema da corrupção é figurativizado principalmente por “*desvio de dinheiro*” e o tema da investigação é concretizado pela figura “*escutas telefônicas*”. Em relação à isotopia do texto, pode-se dizer que se trata de uma isotopia da corrupção, uma vez que há uma recorrência de tais categorias sêmicas criam um plano de leitura, um todo de sentido, que remete à corrupção. Ressalta-se que uma isotopia da investigação/justiça estaria circunscrita a uma isotopia maior, a da corrupção, uma vez que a segunda isotopia só existe em função da primeira. Como aponta Barros (2002), relações entre isotopias podem ser metafóricas ou metonímicas. Naquela existe uma ligação por similaridade e nesta por contiguidade do conteúdo. A relação, portanto, entre a isotopia da investigação/justiça e da corrupção enquadrar-se-ia no segundo tipo descrito pela autora, já que se trata de uma relação todo-parte. Por fim, acrescenta-se que a figura *desvio de dinheiro* teria um valor negativo, ao

passo que, a figura *escutas telefônicas*, um valor positivo, pois esta reveste o tema da investigação. Outras duas figuras recorrentes no texto que concretizam o tema da investigação são *indícios* e *evidências*, elementos que fazem parte do jargão policial e que remetem a elementos concretos. Assim como em “*escutas telefônicas*”, elas teriam um valor eufórico, ao passo que a figura do “*desvio de dinheiro*”, um valor disfórico.

Outro conceito-chave para a presente análise é o de aspectualização, “a disposição, no momento da discursivização, de um dispositivo de categorias aspectuais mediante as quais se revela a presença implícita de um actante observador” (GREIMAS & COURTÉS, 2008:39). Em outras palavras, a aspectualização é o ponto de vista desse ator do discurso, que aspectualiza, ou seja, dá um aspecto ao espaço, tempo e pessoa. Para Fiorin (1999), o conceito de foria, ao ser conjugado a uma intensidade e a uma extensidade e ao projetar-se no tempo e no espaço, produz efeitos de andamento e ritmo discursivos. Em resumo, o ator do discurso sobredetermina as categorias da enunciação, relacionando-as a uma continuidade ou a uma descontinuidade. Em relação ao tempo, a aspectualização consiste principalmente no andamento do texto, tornando-o mais rápido ou mais lento. Andamento mais rápido, maior intensidade; andamento mais lento, maior extensidade.

Os percursos temático-figurativos descritos acima parecem se relacionar a um texto de andamento rápido. No texto em análise, há uma sucessão de fatos que coincide quase inteiramente com tais percursos. O texto, dessa forma, tem inicialmente um andamento rápido, pois há uma sucessão ininterrupta de fatos que se sucedem. Veja-se, portanto, como se dá a sucessão desses fatos:

- 1) Abertura de processo contra deputado supostamente envolvido com desvio de dinheiro do BNDES;
- 2) Ausência do deputado em seu gabinete para preparar explicações ao seu partido;
- 3) Existência de indícios contra o deputado, não apenas escutas telefônicas;
- 4) Suposta participação de 11 prefeituras;
- 5) Existência de do envolvimento de funcionários do BNDES;
- 6) Realização de 11 pedidos de prisão.

Após o sexto fato, surge uma explicação: “*Prefeitos e deputados têm foro privilegiado. Por isso, o Ministério Público pediu e a Justiça Federal de São Paulo enviou cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal*”. Essa passagem causa uma desaceleração no andamento do texto, uma vez que não se trata de um fato novo, mas de uma aclaração dos trâmites legais envolvendo os políticos envolvidos. Em seguida, mais uma elucidação dessa natureza: “*para processar o deputado Paulo Pereira da Silva, o STF depende do parecer da Procuradoria Geral da República*”. Nota-se uma manutenção da

desaceleração do texto. A fala do procurador-geral Antônio Fernandes de Souza tampouco promove uma aceleração, pois não traz nenhum elemento novo: “*A hora que chegar eu vou examinar para verificar. Se tiver alguma coisa, eu tomo as providências que eu sempre tenho tomado*”. O andamento volta a ficar mais rápido no final com uma declaração de defesa da Força Sindical: “*Em nota, a Força Sindical defendeu seu presidente, dizendo que ele é vítima de implacável perseguição política*”. Tal declaração, no entanto, não tem a força de um novo acontecimento e, por isso, pouca aceleração do andamento consegue promover. Em termos tensivos, pode-se dizer que o texto começa com uma intensidade alta, mas, quando se aproxima do meio para o final, essa intensidade começa a diminuir, pois o andamento, antes rápido, torna-se mais lento.

A matéria da categoria nacional do dia 5 de maio mostra um texto predominantemente figurativo. Esse predomínio de figuras encadeadas faz com que o texto tenha inicialmente um andamento rápido, que só perde a força aproximadamente a partir do meio do texto. Não pretendendo generalizar, o texto jornalístico obedece a uma forma padrão chamada de pirâmide invertida, a partir da qual as informações principais, (o lide, do inglês *lead*) tais como “o que”, “como”, “quando”, “onde” e “por que” vêm o quanto antes. No final, alguns esclarecimentos ou explicações. Dessa forma, a matéria nacional do dia 5 de maio tem uma intensidade decrescente e um texto que procura recriar, por meio de figuras, o mundo natural.

3. Análise 2:

A segunda matéria analisada pertence à categoria local do dia 05 de maio e trata das consequências deixadas pelo ciclone extratropical que atingira o Sul do Brasil no fim de semana anterior. Vejam-se os dois primeiros parágrafos:

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana.

Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir. Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas.

No primeiro parágrafo, encontram-se figuras que recobrem o tema da morte e, no segundo, figuras que recobrem o tema da destruição. O tema da destruição, no entanto, é mais recorrente, formando um percurso temático-figurativo da destruição. Mais adiante outro tema é observado pela frase “*De barco, os moradores ainda tentam salvar alguns móveis*”. Nota-se aqui um pequeno percurso temático-figurativo da sobrevivência, que não chega a compor um percurso independente, mas, sim, faz parte do próprio percurso da morte. A sobrevivência estaria, nesse caso, na posição de negação da morte. Mais adiante, encontra-se um percurso figurativo da destruição: “*chuva*”, “*vento de mais de 100 km/h*”, “*árvores arrancadas*”, “*casas destruídas*”, “*redes elétricas destruídas*”, “*casas sem luz*”, “*a calçada*” e “*um veículo que estacionava*”. Em seguida, mais elementos do mundo natural compoem tal percurso com as figuras: “*3 mil pessoas desabrigadas*”, “*duas vítimas*” e “*um homem afogado*”. Na segunda parte da matéria, que trata dos estragos causados em Santa Catarina, a destruição é figurativizada por “*rodovia interditada*”, “*pista inundada*”, “*rio transbordado*”, “*engarrafamento de 14 km*”, “*casa arrastada*”, “*enchente*”, “*pertences espalhados pelo terreno*”, “*ruas transformadas em rios*” e “*1600 pessoas desalojadas*”. Pelo que se pode observar no texto, o percurso figurativo sempre recobre o percurso temático. A isotopia do texto é a da catástrofe, talvez um termo mais abrangente que destruição. Elementos recorrentes no texto levam à formação de um efeito de sentido final, que é justamente esse efeito ligado à calamidade pública. Tal percurso temático-figurativo é valorado negativamente pelo texto, ou seja, criam um efeito disfórico.

Quando à aspectualização, o texto apresenta um andamento acelerado no início, como se vê no trecho seguinte:

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana. Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir.

Em seguida, o texto sofre uma desaceleração, já que descreve as consequências da passagem do ciclone:

Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas.

Mais adiante, o texto volta a ter um andamento mais rápido, apresentando fatos novos:

No fim de semana, a chuva e os ventos de mais de 100 km/h arrancaram árvores, destruíram casas e a rede elétrica de muitas cidades. Nove mil e quinhentos consumidores ainda estão sem luz. Em protesto, moradores de Guaíba, na Grande Porto Alegre, fecharam hoje uma das principais avenidas da cidade.

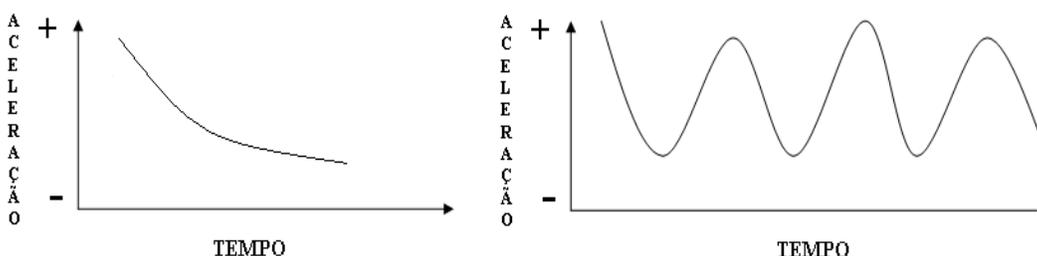
Mas perde novamente em aceleração, quando em seguida é apresentado um relato de uma mulher indignada com a falta de luz:

“Nós resolvemos protestar porque desde sexta-feira, às oito e meia, nós estamos sem luz. Estragou toda a nossa alimentação”.

Dessa forma, o texto é construído de um andamento mais rápido seguido de um andamento lento. Diferentemente do anterior, o andamento desse texto alterna-se em acelerado/desacelerado.

4. Considerações sobre o andamento nos textos analisados

As análises realizadas objetivaram perceber a existência de padrões recorrentes nas matérias jornalísticas do *JN* a partir de estruturas intradiscursivas subjacentes aos textos analisados na pesquisa. Alguns padrões foram observados. Em relação ao andamento, os textos analisados se estruturam de duas maneiras: (1) A primeira delas é um andamento acelerado inicial que decresce no decorrer do texto. Isso se deve à apresentação do fato principal da notícia, em termos semióticos, em decorrência de uma ruptura, de uma tensão. Em seguida, o texto perde em aceleração, devido a descrições, elucidações e contextualizações, o que semioticamente significa uma distensão, um maior relaxamento. Uma variação desse tipo de estrutura é um andamento não-desacelerado no final, mas que não chega a ser acelerado. (2) A segunda forma de estruturação textual em termos de andamento é uma oscilação entre aceleração e desaceleração. Isso se deve, como se viu, à apresentação de um fato (ruptura/intensidade) para depois discorrer-se sobre esse fato (continuidade/extensidade), e assim sucessivamente. Esse padrão foi o segundo mais observado pelas análises. Desse modo, pode-se afirmar que uma matéria longa, por trazer mais temas e figuras, tende a ter essa organização, ao passo que, uma matéria mais curta possui uma organização parecida com a de número um. Os gráficos a seguir representam os dois tipos de organização quanto à aspectualização:



5. Considerações sobre os temas e figuras nos textos analisados

Com relação às análises dos temas e figuras, pode-se dizer que o discurso do *Jornal Nacional* é mais figurativo que temático, isto é, ao passar para o nível discursivo, categorias do nível narrativo são necessariamente tematizadas e frequentemente figurativizadas criando um simulacro de mundo natural. Além disso, sendo um produto audiovisual, o *Jornal Nacional* faz uso de imagens para, de certa forma, reforçar essa figurativização presente no texto verbal, por meio de um processo de iconização.

Tentou-se, ademais, perceber quais traços sêmicos subjazem os temas encontrados nas matérias analisados. Cabe dizer que os temas podem, num nível mais abstrato, ser reduzidos a uma tensão entre um querer *versus* um dever. Na primeira matéria analisada, o político deve ser honesto, no entanto, ele quer desviar dinheiro, quer ser corrupto. Dever nesse caso é eufórico, ao passo que querer é disfórico. Na segunda, o volume dos rios sobe, à revelia do desejo dos moradores, mas deve baixar para evitar mais morte e destruição. Essa tensão entre o querer e o dever mostra que, na maioria das vezes, este é valorizado euforicamente, ao passo que aquele tem um valor negativo construído pelo texto. Assim, a notícia, ou a noticiabilidade de uma matéria jornalística, nasce de um conflito entre tais modalidades, mais recorrentemente, entre o dever-não-fazer e o querer-fazer.

Finalmente, ao enunciatório do telejornal se dirige um fazer-criar e um fazer-fazer: o fazer comunicativo. Por jogar luz sobre as quebras de contrato entre os actantes do nível narrativo e, mais concretamente, entre os atores do nível discursivo, o *Jornal Nacional* reforça um quadro de valores social e moralmente estabelecido, protegendo-o contra possíveis desejos de mudança. Assim, ao empreender um fazer comunicativo que axiologiza euforicamente a modalidade deôntica e disfóricamente a volitiva, pode-se dizer que o *JN* atua

como Destinator-manipulador que determina os valores do Destinatário-sujeito, figurativizado pelo telespectador.

Referências Bibliográficas

BARROS, D. L. P. de. Estudos do Discurso. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística II: princípios de análise*. 2ª ed. – São Paulo: Contexto, 2003.

BARROS, D. L. P. de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/USP, 2002.

BERTRAND, D. *Caminhos da semiótica literária*. Tradução de Ivã Carlos Lopes et al. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

FIORIN, J. L. *Sendas e Veredas da Semiótica Narrativa e Discursiva*. DELTA, São Paulo, v. 15, n. 1, 1999. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501999000100009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 30 de Maio de 2008.

FIORIN, J. L. *A semiótica tensiva*. O texto utilizado é parte de um artigo maior a ser publicado em LARA, Gláucia M. P.; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs.). *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.

FIORIN, J. L. *Paixões. Afetos, emoções e sentimentos*. Cadernos de semiótica aplicada. V. 05, nº 02, dezembro de 2007.

FIORIN, J. L. *Elementos de análise do discurso*. 14ª ed. São Paulo: Contexto, 2006.

FIORIN, J. L. *As Astúcias da Enunciação – as categorias de pessoa, espaço e tempo*. São Paulo: Ática, 2002.

FONTANILLE, J. ZILBERBERG, Cl. *Tensão e significação*. São Paulo: Humanitas, 2001.

FONTANILLE, J. *Semiótica do Discurso*. Tradução de Jean Cristtus Portela. – São Paulo: Contexto, 2007.

GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural: pesquisa de método*. Tradução de Haqira Osakabe e Izidoro Blikstein. 2. ed. São Paulo: Cultrix: Ed. da Universidade de São Paulo, 1976. p. 11-74.

GREIMAS, A. J. De La Colère. In *Du sens II: essais sémiotiques*. Editions du Seuil: Paris, 1983.

MENDES, C. M. *A expressão e o conteúdo da fala do Jornal Nacional*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais, 2009.

TATIT, L. *A abordagem do texto*. In FIORIN, José Luiz (org.). *Introdução à lingüística*. 5ª ed. – São Paulo: Contexto, 2006.

ZILBERBERG, C. *Síntese da gramática tensiva*. In: *Significação. Revista Brasileira de Semiótica*. n. 25, p. 163-204. 2006.

ANEXO:

Texto integral da primeira matéria analisada

A Justiça de São Paulo mandou para o Supremo Tribunal Federal o processo em que o nome do deputado federal Paulo Pereira da Silva, do PDT, aparece citado como beneficiário de um esquema de desvio de dinheiro do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social.

O deputado Paulo Pereira da Silva, o Paulinho da Força Sindical, não apareceu no gabinete da Câmara. Ficou em São Paulo preparando as explicações que vai dar amanhã ao PDT, partido dele. Para o Ministério Público, há indícios da participação do deputado no esquema. Em entrevista, a procuradora que cuida do caso disse que os indícios vão além das escutas telefônicas. “O indício que seja ele são as ramificações das investigações e, na verdade, algumas vezes não foi só citado o nome Paulinho”.

A procuradora disse que, nas escutas telefônicas, há evidências da participação de 11 prefeituras. Também foram encontrados indícios do envolvimento de funcionários do BNDES. Foram feitos 11 pedidos de prisão. Prefeitos e deputados têm foro privilegiado. Por isso, o Ministério Público pediu e a Justiça Federal de São Paulo enviou cópias do processo ao Tribunal Regional Federal e ao Supremo Tribunal Federal.

Para processar o deputado Paulo Pereira da Silva, o STF depende do parecer da Procuradoria Geral da República, que pode pedir ou não a abertura de inquérito contra o deputado. “A hora que chegar eu vou examinar para verificar. Se tiver alguma coisa, eu tomo as providências que eu sempre tenho tomado”. Em nota, a Força Sindical defendeu seu presidente, dizendo que ele é vítima de implacável perseguição política.

Texto integral da segunda matéria analisada

A Defesa Civil em Porto Alegre confirmou hoje a segunda morte causada pelo ciclone extratropical que atingiu a Região Sul do Brasil no fim de semana.

Depois da chuva, a preocupação agora é com os rios que não param de subir. Em Taquara, a 70 quilômetros de Porto Alegre, o Rio dos Sinos está oito metros acima do nível normal. Centenas de casas ficaram submersas. “Chegou de repente, pegou todo mundo desprevenido”. De barco, os moradores ainda tentam salvar alguns móveis. “Perdi roupa, perdi móvel, dentro de casa, TV, rádio, tudo eu perdi, tudo ali dentro”.

No fim de semana, a chuva e os ventos de mais de 100 km/h arrancaram árvores, destruíram casas e a rede elétrica de muitas cidades. Nove mil e quinhentos consumidores ainda estão sem luz. Em protesto, moradores de Guaíba, na Grande Porto Alegre, fecharam hoje uma das principais avenidas da cidade. “Nós resolvemos protestar porque desde sexta-feira, às oito e meia, nós estamos sem luz. Estragou toda a nossa alimentação”.

Nesta rua da capital gaúcha, a calçada cedeu bem debaixo de um veículo que estacionava. A motorista do carro e o filho dela, de cinco anos, tiveram que sair pelo portamalas. “Tentaram quebrar o vidro. Eu acho que ela mesma conseguiu acionar o porta-malas e

abriu. Os vizinhos tentaram tirar ela pelo porta-malas. Graças a Deus que não se machucaram, né”.

Por causa da passagem do ciclone, sete cidades decretaram situação de emergência. Três mil pessoas ainda não voltaram para casa. O temporal fez duas vítimas no Rio Grande do Sul. Na noite de ontem, um homem morreu afogado na serra gaúcha.

Em Santa Catarina, na divisa com o Rio Grande do Sul, a BR 101 está interditada desde o fim da tarde de ontem. A rodovia foi inundada depois que um rio da região transbordou. O engarrafamento já chega a 14 quilômetros. Os temporais dos últimos dias atingiram 32 municípios do estado. A situação é mais grave no sul.

Em Ermo, esta casa foi arrastada para dentro do rio. Muitas comunidades rurais ainda estão isoladas. Hoje, quando a água começou a baixar, dona Aurora voltou para casa e se desesperou ao ver a destruição causada pela enchente. “Perdi o que tinha de roupa, e comida, e coisa. Não dá para aproveitar mais nada”.

A falta de água dificulta a limpeza da lama. Todos os pertences de dona Maria Bento ficaram espalhados pelo terreno. “Nós tá com essa muda de roupa aqui. Nós tiramos uma muda de roupa de cada um e uma caixinha de leite. O resto ficou ali”.

Na passagem do ciclone, entre a sexta-feira e o domingo, choveu três vezes mais do que o esperado para o mês inteiro em algumas cidades do Sul. A água que desceu das montanhas transformou ruas em rios. Oito municípios já decretaram situação de emergência. A preocupação da Defesa Civil é com o frio. Pelo menos mil e seiscentas pessoas estão desalojadas. “A maior preocupação é fazer chegar alimento e agasalhos para a população que está desabrigada, desalojada e alguns isolados, porque a previsão, neste momento, é frio”.